

Dos Exercícios Espirituais à Inteligência Artificial: A atualidade da Pedagogia Inaciana na formação integral

From the Spiritual Exercises to Artificial Intelligence: The relevance of Ignatian Pedagogy in integral formation Título

Cainan Espinosa Gimenes*

Resumo: Este artigo apresenta um panorama histórico, espiritual e pedagógico da pedagogia inaciana, nascida no século XVI sob o generalato de Santo Inácio de Loyola. Enraizada nos Exercícios Espirituais e inspirada pela mística trinitária, essa pedagogia integra fé, cultura e serviço, visando formar pessoas conscientes, competentes, compassivas e comprometidas com o bem comum. O Colégio Romano (1551) é destacado como marco fundador de um modelo educativo gratuito, humanista e evangelizador, que equilibra formação intelectual de alto nível com sensibilidade social. Os fundamentos estruturantes incluem a centralidade da pessoa, o discernimento, o acompanhamento personalizado e a integração entre contemplação e ação. No cenário contemporâneo, analisamos também a relação entre pedagogia inaciana e Inteligência Artificial Generativa (IAG), reconhecendo-a como desafio e oportunidade. São propostos dez princípios para integrar a IA de forma ética e crítica, preservando a centralidade do sujeito e promovendo protagonismo discente, criatividade, uso responsável e diálogo entre fé e tecnologia. Ressalta-se a figura do educador como mediador e facilitador, inspirado no modelo dos Exercícios Espirituais, e sublinha-se que a IA pode ser incorporada como parceira colaborativa no processo educativo. Conclui-se que a pedagogia inaciana, fiel à sua missão de formar “homens e mulheres para os outros”, mantém sua atualidade ao oferecer discernimento, critérios éticos e visão humanizadora diante das transformações digitais.

Palavras-chave: Inteligência artificial; Pedagogia Inaciana; Formação integral.

Abstract: This article presents a historical, spiritual, and pedagogical overview of Ignatian pedagogy, which emerged in the 16th century during the generalate of Saint Ignatius of Loyola. Rooted in the Spiritual Exercises and inspired by Trinitarian mysticism, this pedagogy integrates faith, culture, and service, aiming to form conscious, competent, and compassionate individuals committed to the common good. The Roman College (1551) is highlighted as a foundational milestone of a free, humanistic, and evangelizing educational model that balances high-level intellectual formation with social sensitivity. Its structural foundations include the centrality of the person, discernment, personalized accompaniment, and the integration of contemplation and action. In the contemporary context, the article also examines the relationship between Ignatian pedagogy and Generative Artificial Intelligence (GAI), recognizing it as both a challenge and an opportunity. It proposes ten principles for integrating AI in an ethical and critical manner, preserving the centrality of the subject while fostering student protagonism, creativity, responsible use, and dialogue between faith and technology. The role of the educator as mediator and facilitator, inspired by the model of the Spiritual Exercises, is emphasized, along with the notion that AI can be

* Doutorando em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP).

incorporated as a collaborative partner in the educational process. The conclusion reaffirms that Ignatian pedagogy, faithful to its mission of forming “men and women for others,” remains relevant by offering discernment, ethical criteria, and a humanizing vision in the face of digital transformations.

Keywords: Artificial intelligence; Ignatian Pedagogy; Comprehensive education.

Introdução

A pedagogia inaciana, nascida no coração do século XVI, emerge de uma tensão fecunda entre a tradição humanista, a renovação espiritual e a exigência missionária da Igreja. Ao examinar os impulsos pedagógicos do generalato de Inácio de Loyola (1541–1556), não se trata apenas de compreender os métodos educativos adotados pelos primeiros jesuítas, mas de penetrar no dinamismo de uma espiritualidade que se corporifica como proposta formativa concreta. A fundação do Colégio Romano, em 1551, constitui um marco decisivo nesse itinerário: uma escola secundária gratuita, dedicada ao ensino de gramática, humanidades e doutrina cristã, situada no coração da cristandade. Ali se delineia o sonho de uma nova evangelização mediada pela educação.

Mais do que um simples método pedagógico, a pedagogia inaciana configura-se como uma forma espiritual de acompanhar processos de amadurecimento humano e cristão. Enraizada na mística de Santo Inácio, ela articula uma visão de mundo, uma antropologia e um horizonte teológico centrado no mistério da Santíssima Trindade. Este artigo propõe-se a explorar essa inspiração trinitária da pedagogia inaciana, conforme exposta pelo Pe. Rolphy Pinto S.J., estabelecendo conexões entre as experiências místicas de Inácio, seu entendimento da missão cristã e a prática educativa que floresceu nos colégios da Companhia de Jesus.

Por ser uma pedagogia situada e histórica, enraizada na espiritualidade inaciana e em contínua reelaboração, ela permanece viva na medida em que responde criativamente às necessidades do tempo. Sua gênese está associada a uma pergunta fundamental: como fazer da educação um instrumento eficaz de serviço à Igreja e ao mundo? Essa interrogação permanece atual diante dos desafios do presente, especialmente no contexto das transformações provocadas pela Inteligência Artificial Generativa (IAG), que reconfigura modos de aprender, ensinar, comunicar e discernir.

Inácio de Loyola e os fundamentos da Pedagogia Inaciana

O período do generalato de Santo Inácio de Loyola (1541–1556) foi decisivo para a configuração da identidade pedagógica da recém-criada Companhia de Jesus. Mais do que um administrador, Inácio foi um formador de consciências e comunidades, atento às necessidades espirituais e culturais de seu tempo. A fundação do Colégio Romano, em 1551, concretiza a visão de uma educação gratuita, acessível e intelectualmente exigente, orientada para a formação integral da pessoa e para o serviço à missão da Igreja.

Esse projeto educativo nasce em diálogo com as reformas educacionais da Itália renascentista e com os apelos de renovação espiritual do Concílio de Latrão V (1512–1517), que, especialmente em seu nono decreto (1514), propôs a integração entre gramática, retórica e fé cristã como pilares da formação de jovens adultos. Simultaneamente, o contexto italiano atravessava uma transição: o declínio das liberdades municipais, a ascensão das escolas cortesãs e a crescente clericalização dos professores alteraram o modelo educacional anteriormente sustentado pelas cidades autônomas. A eclosão da Reforma Protestante, com suas repercussões sobre o ensino e a cultura, intensificou a preocupação da Igreja e do Estado com a formação religiosa como critério de legitimidade pedagógica.

Nesse cenário, a pedagogia inaciana emerge como uma proposta inovadora: mais do que um método educativo, ela constitui-se como uma forma espiritual de acompanhar processos de crescimento humano e cristão. Inspirada nos Exercícios Espirituais, ela promove uma reorientação antropológica — do sujeito autocentrado ao sujeito em relação e em serviço. A formação integral, nesse paradigma, visa constituir homens e mulheres para os outros, promovendo um amor eficaz, inseparável do compromisso com a justiça e com os pobres. Trata-se de uma educação que não dissocia amor a Deus de amor ao próximo, e que assume a missão educativa como meio de transformação social e pessoal.

Ainda que voltada, em seus primeiros passos, à formação de elites católicas capazes de influenciar as estruturas sociais, a prática educativa jesuíta também se desdobra em experiências de inclusão e serviço aos mais pobres. Esse duplo movimento revela um carisma de síntese entre contemplação e ação, entre saber e transformação social. Nos documentos fundacionais da Companhia — particularmente nas

Constituições, nas cartas de Inácio e nas instruções aos primeiros professores — encontram-se os traços essenciais de uma pedagogia voltada ao discernimento, ao acompanhamento personalizado e ao cuidado com o contexto de vida dos estudantes. Trata-se de uma educação que confia na possibilidade de transformação do ser humano por meio de um processo enraizado no Evangelho e sensível às mediações culturais de cada tempo e lugar.

Essa tradição formativa, profundamente espiritual e humanista, constitui uma das contribuições mais originais da Companhia de Jesus à história da educação ocidental. Seu impacto ultrapassa os limites confessionais e continua a provocar educadores e instituições a repensarem seus compromissos com a formação integral, a justiça social e a construção do bem comum.

Nesse sentido a educação da companhia segue os modelos:

- Afirma a realidade do mundo
 - Ajuda a formação total de cada pessoa dentro da comunidade humana
 - Inclui uma dimensão religiosa que permeia toda a educação
 - É um instrumento apostólico
 - Promove o diálogo entre fé e cultura
- (COMPANHIA DE JESUS, 1999, p. 23)

Quando o documento afirma que essa educação “afirma a realidade do mundo”, está convidando educadores e estudantes a partirem do concreto da existência, o que é próprio da experiência dos Exercícios Espirituais — com suas luzes e sombras, dores e belezas — como lugar de encontro com Deus. Na prática, na realidade, isso se traduz na escuta atenta da vida dos jovens, das suas inquietações e esperanças, valorizando suas experiências como matéria-prima para o discernimento e o crescimento.

A educação num centro da Companhia de Jesus trata de criar um senso de admiração e de mistério, ao estudar a criação de Deus. Um conhecimento mais completo da criação pode conduzir a um maior conhecimento de Deus em sua contínua criação. Os cursos são ministrados de tal maneira que os alunos, reconhecendo humildemente a presença de Deus, encontrem a alegria em aprender e sintam o desejo de um maior e mais profundo conhecimento. (COMPANHIA DE JESUS, 1999, p. 24)

Assim, a pedagogia inaciana reconhece que ninguém se forma isoladamente. Educar é acompanhar um processo de amadurecimento integral — intelectual, afetivo, espiritual, ético — sempre em relação com os outros, sendo presença que acompanha, que forma em comunidade, que acredita no potencial de cada pessoa e o ajuda a desabrochar no serviço ao próximo.

Essa pedagogia reconhece que a fé cristã não é inimiga do saber, da arte, da ciência ou da inovação tecnológica. Ao contrário, deseja iluminá-los, discerni-los e fecundá-los. Diante dos desafios contemporâneos — como a presença da inteligência artificial nos processos formativos —, essa postura dialogal me desafia a escutar os jovens, a estudar com seriedade e a propor caminhos onde a fé não se oponha à técnica, mas a humanize. O coração da educação inaciana está, assim, na integração: entre fé e razão, entre tradição e inovação, entre evangelho e cultura viva.

Desse modo, a pedagogia inaciana pode ser compreendida como uma resposta a uma pergunta fundamental: como fazer da educação um espaço e um instrumento no qual se encarnem os ideais espirituais de serviço à Igreja e ao mundo, próprios da espiritualidade de Santo Inácio? Esta é a questão que orienta o esforço educativo jesuíta. Formar pessoas capazes de discernir, servir e transformar a realidade — esse é o núcleo da proposta formativa inaciana.

Frente a esse ideal, a inteligência artificial se apresenta como um desafio inédito, exigindo atualização sem perda de identidade. A espiritualidade inaciana pode oferecer critérios profundos para um discernimento educacional diante da inteligência artificial: critérios que valorizem a centralidade da pessoa, a busca do bem maior, a integração entre razão e fé, entre tecnologia e ética, entre liberdade e responsabilidade.

Assim, em vez de temer as transformações, a educação é chamada a dialogar com elas, iluminando os caminhos com uma sabedoria que não renuncia à inovação, mas a orienta. Trata-se de reconhecer que a presença crescente da inteligência artificial está redesenhando o horizonte antropológico e espiritual no qual a educação acontece — e que, justamente por isso, a pedagogia inaciana pode e deve ter voz. Essa proposta educativa se estrutura em torno de três dimensões fundamentais: o fim da educação, os seus protagonistas e os meios de que se serve. Essa tríade não apenas organiza o pensamento pedagógico, mas expressa o dinamismo interior da pedagogia inaciana, compreendida como um processo espiritual encarnado na ação educativa.

O fim, ou seja, a meta última da pedagogia inaciana, é o serviço. A formação promovida pelas instituições educativas da Companhia de Jesus não se limita ao sucesso acadêmico ou à realização pessoal no sentido moderno, mas visa à constituição de pessoas — religiosas ou leigas — dispostas a servir. O serviço, nesse contexto, não é apenas uma atitude ética, mas uma resposta vocacional a um chamado de Deus. A pedagogia inaciana é um meio, e o fim que ela serve é absoluto, pois se identifica com a vontade de Deus. Educar, nesse sentido, é cooperar com Deus na recriação da pessoa, na sua transformação profunda, orientada para a liberdade e o serviço.

Essa transformação se dá por meio de um caminho de conversão que é também educacional: do egoísmo ao discipulado, da competição ao serviço, do egocentrismo à alteridade. Os Exercícios Espirituais e a pedagogia inaciana convergem no objetivo de formar pessoas capazes de sair de si mesmas para viver para os outros. Foi com essa perspectiva que Pedro Arrupe cunhou a célebre expressão “homens e mulheres para os outros”, que, embora muitas vezes citada, é por vezes esvaziada de seu contexto original. Arrupe a pronunciou num contexto explícito de experiência espiritual cristã: educar para o amor a Deus que se manifesta no amor efetivo ao próximo — um amor cuja prova concreta é a justiça.

Fundamentos estruturantes da Pedagogia Inaciana

A pedagogia inaciana estrutura-se sobre uma base espiritual e relacional que inspira práticas concretas e dinâmicas formativas. Nos *Exercícios Espirituais*, Inácio convida o exercitante a contemplar a conversa íntima entre as Pessoas da Trindade, que, ao olharem para o mundo ferido, decidem pela Encarnação. Essa contemplação origina uma espiritualidade da escuta, do discernimento e da missão. A pedagogia que dela deriva assume, portanto, um modelo dialogal: entre Inácio e quem dá os Exercícios, entre quem dá e quem recebe, e entre o exercitante e Deus. Essa tríplice conversa reflete a própria dinâmica da Trindade e inspira a prática educativa como espaço de mediação, escuta e revelação.

Desde seus documentos fundacionais — como os *Summa Institutionis* (1539) e as *Constitutiones* (1541) —, a Companhia de Jesus reconheceu a educação como eixo de sua missão apostólica. Ainda que a instrução dos pobres, analfabetos e crianças fosse recomendada, na prática os jesuítas priorizaram a formação de seus membros e de

jovens vocacionados ao sacerdócio. Universidades como as de Paris, Roma, Ingolstadt e Pádua tornaram-se polos privilegiados para esse esforço intelectual e moral, voltado à formação de líderes eclesiásticos capazes de responder aos desafios do tempo.

No entanto, o modelo inaciano nunca se limitou ao conteúdo ou à formalidade institucional. Ele coloca no centro do processo educativo a pessoa que aprende — não como recipiente passivo, mas como sujeito ativo, livre e em constante amadurecimento. O educador, nesse horizonte, é servidor do progresso do estudante, renunciando ao protagonismo absoluto da sala de aula. O objetivo da educação inaciana, portanto, é formar pessoas novas, reconstruídas a partir de dentro, moldadas para o serviço, com espírito de justiça e amor efetivo — nunca fictício ou meramente idealizado. Essa transformação interior exige não apenas conteúdos ou métodos, mas sujeitos implicados no processo formativo. É nesse ponto que emergem os protagonistas da pedagogia inaciana, os mesmos que encontramos na experiência dos Exercícios Espirituais. Trata-se de tipos humanos complementares que configuram o dinamismo pedagógico da espiritualidade inaciana.

A aprendizagem se dá, assim, em quatro dimensões integradas:

1. **Consciência de si e do mundo:** o autoconhecimento e a leitura crítica da realidade constituem a base da formação intelectual e espiritual.
2. **Apropriação pessoal do saber:** o conteúdo ganha sentido ao ser internalizado e reinterpretado à luz da experiência e dos afetos do educando.
3. **Protagonismo discente:** o foco desloca-se da transmissão de informações para o despertar do desejo de aprender e de buscar sentido.
4. **Docência como serviço:** o educador torna-se facilitador, escutando, adaptando-se, acolhendo a novidade com humildade e discernimento.

A pedagogia inaciana valoriza, portanto, a reciprocidade na experiência educativa. Nas instituições jesuítas, não há um que apenas ensina e outro que apenas aprende. Todos estão em busca. O educador se deixa interpelar pelas perguntas dos estudantes, escuta, dialoga e também aprende. A espiritualidade inaciana se alimenta da humildade que reconhece no aprendizado uma jornada permanente e compartilhada.

Esses princípios são reafirmados desde a *Ratio Studiorum*, síntese normativa da tradição pedagógica inaciana (ainda que a *ratio* não fosse um documento de educação e

sim sobre formação do candidato jesuíta), que delinea critérios fundamentais ainda hoje relevantes:

- **Refração:** aprender é mais do que absorver informações — é reinterpretá-las criticamente, integrando conteúdo, valores e afetos. A pergunta “o que isso significa para mim?” torna-se central.
- **Autorregulação:** inspirado na dinâmica dos *Exercícios Espirituais*, o estudante aprende a ordenar seus ritmos internos e externos, cultivando autonomia, discernimento e perseverança.
- **Abnegação:** o educador abdica do controle absoluto, permitindo que o aluno brilhe. Essa atitude requer escuta, humildade e disposição para a transformação mútua.

Essa estrutura pedagógica, profundamente espiritual e humanizadora, prepara o caminho para novos horizontes educativos. Diante da emergência de tecnologias como a Inteligência Artificial Generativa, torna-se urgente discernir como esses fundamentos podem dialogar, criticar e enriquecer o uso dessas ferramentas no processo formativo.

Esse espírito de constante formação pode ser resumido na célebre da autobiografia de Santo Inácio: “Deus o tratava como um mestre trata uma criança.” Inácio se reconhecia como alguém sempre em formação, nunca concluído. Esse espírito — humilde, aberto, inquieto — deve animar todos os que participam de um processo educativo verdadeiramente inaciano.

A vida espiritual não começa por um método, mas por um desejo. Antes de qualquer técnica de oração ou prática ascética, está o movimento interior da alma que anseia por Deus. Esse anseio, contudo, nem sempre é evidente. Muitas vezes, encontra-se obscurecido por uma multidão de desejos menores, pela correria do cotidiano ou pelas distrações do mundo digital. Iniciar-se na vida espiritual é, antes de tudo, reconhecer esse desejo mais profundo que habita o coração humano — desejo de sentido, de plenitude, de Deus.

A tradição cristã afirma, com Santo Agostinho, que “nosso coração está inquieto enquanto não repousa em Ti”. Blaise Pascal, de forma semelhante, observa: “Tu não me buscarias, se já não me tivesses encontrado.” Esses testemunhos sugerem que, se há em nós um impulso em direção ao Eterno, é porque já fomos tocados por Ele de algum

modo. O desejo de Deus não é um ideal abstrato: é uma realidade concreta, que pulsa no interior humano, mesmo quando encoberta por outras motivações. Reconhecê-lo é o primeiro passo de qualquer itinerário espiritual autêntico.

Se uma pessoa não sabe o significado profundo da sua existência, de si mesmo, é impossível que possa conduzir bem a sua vida, por mais que seja boa e esteja cercada de coisas positivas. E se não conhece o sentido das coisas que a cercam, jamais poderá se relacionar bem com elas.

Portanto, o que uma pessoa tem de mais importante na vida é o seu próprio eu. Assim, a pergunta mais importante da vida é: quem sou eu? Porque o verdadeiro problema da vida é, antes de tudo, conhecer a si mesmo. Uma pessoa conhece a si mesmo quando sabe qual é o significado da sua vida, isto é, sabe de onde vem e para onde vai, entende a razão pela qual vive.

Mas para conhecer a si mesmo é necessário colocar de forma adequada o problema do conhecimento: é preciso colocar em ação e pensar sobre os seus atos na vida cotidiana. Quando a pessoa se olha em ação, descobre que tem uma sede de infinito, que tem perguntas fundamentais que nunca são respondidas totalmente pelas capacidades humanas.

Estas são algumas perguntas fundamentais: Qual é o significado último da vida? Por que existe a dor e a morte? Por que, no fundo, vale a pena viver? Para que a realidade existe?

As perguntas vêm à tona quando se vive com seriedade o impacto com o real. Quanto mais uma pessoa leva a sério a realidade, mais percebe também que não há nela nada que a satisfaça totalmente, que responda plenamente às perguntas e expectativas de felicidade do coração. Há uma grande tentação de reduzir ou abafar essas perguntas, distraíndo-se e descuidando-se delas. Mas isso é irracional, pois elas fazem parte da própria estrutura que constitui a pessoa.

Por exemplo: no organismo de um recém-nascido, que não tem a consciência nem a fala desenvolvidas, a necessidade de alimento se dá por meio de um grande desconforto físico: ele não cessa de chorar enquanto não é saciado, mesmo sem “entender” realmente o que lhe faz falta. Da mesma forma, toda pessoa, por mais que sua vida esteja tranquila, “de bem com a vida”, percebe em si uma falta, um vazio, e não pode ficar em paz enquanto não encontrar algo que a sacie.

Pensem como seria absurdo que, diante dessa nossa fome física, não houvesse alimentos no mundo para saciá-la: se temos fome, é porque existem alimentos em alguma parte, pois não há sentido que todos desejassem algo que não existe. Assim também seria inaceitável que, diante da fome do espírito, do vazio existencial, não houvesse resposta. Se todo o ser humano possui essas perguntas é porque existe a resposta, e a realização plena pode ser alcançada.

Deus fez o homem como um ser cheio de questionamentos, e as respostas só podem estar n'Ele. Aqui entra a ideia de mistério, que é o ponto mais alto da nossa razão. Só o mistério pode responder totalmente às exigências do homem, às suas perguntas. Ao mesmo tempo, percebemos que esse mistério continua inacessível à nossa razão. E não é fácil seguir e obedecer ao mistério, algo – ou alguém – que não podemos medir ou dominar.

Contudo, em uma sociedade marcada pela secularização e pelo excesso de ruídos — externos e internos —, perceber esse desejo exige um gesto de silêncio. O silêncio, aqui, não se reduz à ausência de sons, mas consiste em um esvaziamento do supérfluo para reter o essencial. Fazer silêncio é dar espaço interior para que o desejo de Deus emergja com clareza. Trata-se de uma prática contracultural, que resiste ao ritmo acelerado da produtividade e da dispersão digital, propondo uma escuta atenta e uma presença amorosa no próprio interior.

Esse silêncio, longe de ser um fim em si mesmo, é a condição para a oração verdadeira. Segundo o Catecismo da Igreja Católica, orar é “elevar o coração e a mente a Deus”. No entanto, essa definição, ainda que válida, pode ser compreendida de modo mais existencial: orar é deixar que o Espírito Santo ore em nós. Não se trata, portanto, de multiplicar palavras, mas de cultivar uma disposição interior de abertura e de entrega. A oração vocal, com suas fórmulas e repetições, tem valor, mas não esgota o mistério da oração cristã. Como ensina Santa Teresa de Ávila, é preciso refletir sobre cada palavra, deixar que ela suscite afeto, e permitir que o sentido se encarne no coração.

Santo Inácio de Loyola, ao propor os diferentes modos de orar nos Exercícios Espirituais, ensina práticas profundamente simples e concretas: repetir interiormente uma oração, como o Pai-Nosso, respirando uma palavra por vez; fixar os olhos em um ponto e meditar cada termo; caminhar antes de rezar, recolher-se, tomar consciência de onde se está e para onde se vai. O essencial, porém, não está na técnica, mas na

disposição do orante. Orar, para Inácio, é sempre um ato que articula fé, afeto e liberdade interior.

Nesse caminho, a oração se une ao discernimento. Iniciar-se na vida espiritual é, simultaneamente, aprender a discernir os movimentos interiores: o que me move? De onde vêm meus pensamentos, emoções e desejos? Quais moções são inspiradas por Deus, e quais me afastam d'Ele? A tradição inaciana propõe o discernimento como arte de escutar o coração com profundidade, reconhecendo o que conduz ao crescimento espiritual e o que dispersa.

A prática do Exame de Consciência, proposta por Santo Inácio como oração cotidiana, é uma ferramenta privilegiada nesse processo. Não se trata de um simples balanço moral do dia, mas de um olhar retrospectivo para identificar a presença de Deus na vida concreta. Muitas vezes, só ao olhar para trás nos damos conta de que o Senhor esteve presente, mesmo quando não o percebíamos. O Exame, assim, torna-se uma escola de sensibilidade espiritual, um exercício de atenção amorosa aos sinais de Deus na história pessoal.

A caminhada espiritual, porém, não é solitária. A Igreja, como comunidade de fé, oferece mediações preciosas: a escuta da Palavra, os sacramentos, a direção espiritual. A “conversação espiritual”, tão valorizada por Inácio, é mais do que um diálogo: é uma forma de ajuda mútua no caminho do discernimento, onde se partilham luzes, dúvidas, consolações e desolações. Acompanhado por alguém sábio, que também caminha com Deus, o peregrino espiritual encontra apoio para crescer, amadurecer e evitar os enganos do autoengano ou da superficialidade.

Por fim, a oração não se fecha sobre si mesma. À medida que amadurece, ela transborda na vida: a contemplação se traduz em ação. O verdadeiro fruto da oração é o amor — e o amor, por sua vez, manifesta-se no serviço. Santa Teresa de Calcutá dizia que o fruto do silêncio é a oração, o fruto da oração é a fé, o fruto da fé é o amor, e o fruto do amor é o serviço. E desse serviço, brota a paz.

A tradição inaciana, por sua vez, evita separar vida e oração. O aforismo frequentemente atribuído a Santo Inácio — “Reze como se tudo dependesse de Deus e trabalhe como se tudo dependesse de você” — deve ser compreendido com cuidado. Em sua versão mais profunda, resgatada de textos do século XVIII, o ensinamento convida a confiar em Deus como se tudo dependesse Dele, e a empenhar-se como se tudo

dependesse de nós. Essa integração entre contemplação e ação é o coração da espiritualidade inaciana.

No sentido da pedagogia inaciana, que articula fim e protagonistas, é o conjunto dos meios que favorecem esse processo. E o primeiro meio é o próprio princípio que inaugura e conclui os Exercícios Espirituais: a disposição permanente de buscar e escolher aquilo que mais conduz ao fim para o qual fomos criados. A vida cristã — e, por consequência, a vida educativa — é um constante discernimento da vontade de Deus. Trata-se de um caminho de escuta, de escolhas renovadas, de atenção aos movimentos interiores que indicam direção e sentido.

Essa pedagogia do discernimento se expressa numa série de verbos que traduzem sua dinâmica profunda: buscar, observar, escutar, sentir, perguntar, examinar, investigar, surpreender-se, refletir, maravilhar-se, escolher, ou seja, **inventar**. Verbos que indicam movimento, desejo, inteligência encarnada. Essa é a linguagem de uma pedagogia inquieta e afetiva, que não se satisfaz com a transmissão de conteúdos, mas convida a um envolvimento existencial com o saber e com o próprio processo de formação.

Inteligência Artificial Generativa: um novo horizonte para o discernimento educativo

A emergência da Inteligência Artificial Generativa (IAG) representa um marco tecnológico comparável, em sua magnitude, à revolução provocada pela internet. Seus efeitos já se fazem sentir no cotidiano das instituições educativas, exigindo um novo discernimento pedagógico. Modelos como o ChatGPT ampliam significativamente a capacidade de produzir textos, resolver problemas, simular diálogos e gerar conteúdos em diversos formatos. Diante disso, a relação entre autoria, criatividade e aprendizagem é profundamente tensionada.

A questão que se impõe, portanto, não é se a IA deve ou não ser utilizada na educação, mas como e com que critérios ela será integrada aos processos formativos. O risco de sua utilização como algo acrítico, fonte instantânea de respostas descontextualizadas, é real. A alternativa desejável — e eticamente necessária — é sua incorporação como mediadora no processo de aprendizagem, em uma tríade dinâmica entre educador, educando e inteligência artificial. Para isso, torna-se urgente formar

consciências críticas, compassivas e espiritualmente enraizadas, capazes de discernir os usos da tecnologia com responsabilidade e criatividade.

A pedagogia inaciana oferece, nesse contexto, um horizonte de integração. Sua tradição de discernimento espiritual, sua valorização do sujeito em processo e seu compromisso com o bem comum podem inspirar critérios éticos para a adoção da IAG. Mais do que restringir ou idolatrar a tecnologia, trata-se de aprender a utilizá-la a serviço da formação integral, promovendo autonomia, reflexão e protagonismo. A IA, nesse modelo, não substitui o processo formativo, mas pode ampliá-lo — desde que inserida em uma perspectiva humanizadora e relacional.

Nesse sentido, propõem-se dez princípios orientadores para integrar a IAG de forma ética, crítica e criativa à pedagogia inaciana:

1. Uso responsável e ético da IA- Promover uma consciência crítica sobre os limites, potencialidades e riscos da tecnologia, com base em valores humanos e cristãos.
2. Educação da IA nos princípios inacianos e da doutrina social da Igreja Incentivar a construção e o uso de algoritmos alinhados com os valores da justiça, equidade, solidariedade e reconciliação.
3. Validação crítica das fontes- Desenvolver o senso crítico dos estudantes na verificação, análise e contraste de informações geradas pela IA, evitando o consumo acrítico de conteúdos.
4. Função tutorial da IA -Utilizar o potencial da IAG para propor exercícios, revisar textos, levantar hipóteses e apoiar a aprendizagem autônoma com acompanhamento docente.
5. Formação para a confiança - Evitar proibições simplistas e fomentar uma cultura de uso ético, responsável e consciente das tecnologias emergentes.
6. Incorporação reflexiva- Estabelecer espaços para desenvolver o discernimento diante das respostas oferecidas pela IA, promovendo metacognição e apropriação crítica do saber.
7. Ativação pedagógica com IA- Elaborar atividades mediadas por tecnologia, como simulações, projetos, debates e jogos, estimulando o engajamento e a experimentação criativa.

8. Fomento à criatividade- Estimular a criação artística, literária e multimodal com o apoio da IA como parceira produtiva em processos de expressão simbólica e estética.
9. Abnegação docente- Abrir espaço para o protagonismo discente, com escuta ativa e flexibilidade, confiando no potencial formativo da liberdade acompanhada.
10. Planejamento progressivo da aprendizagem- Utilizar a IA como ferramenta de organização de trajetórias formativas personalizadas, com metas claras e etapas graduais, respeitando o ritmo do aluno.

Esses princípios não constituem uma fórmula fixa, mas um horizonte de discernimento para educadores que desejam integrar a IA à luz da espiritualidade inaciana. Trata-se, sobretudo, de formar sujeitos que, mesmo em um mundo automatizado, saibam responder com liberdade, consciência e amor.

É nesse contexto que emerge outro traço característico da pedagogia inaciana: a formação de líderes. Mas o que é um líder sob a ótica inaciana? Não é apenas aquele que ocupa posições de poder ou destaque, mas alguém que desenvolveu força interior, segurança, autonomia, coragem e resiliência. E como se forma esse tipo de líder? Não pelo conforto, mas pelo enfrentamento das dificuldades. A formação inaciana exige esforço. Não se trata de dificultar por prazer, mas de reconhecer que somente a provação forma caráter. A pedagogia inaciana não deve facilitar excessivamente o caminho, mas colocar os estudantes à prova — para que, superando desafios, descubram do que são capazes. O verdadeiro líder é aquele que já enfrentou provações, que conhece suas limitações, mas também reconhece suas forças. A pedagogia inaciana, ao formar líderes, o faz por meio da prática, da exigência e da perseverança.

Nesse processo formativo, destaca-se um pilar muitas vezes esquecido, mas essencial: o professor abnegado, como por exemplo, a figura evangélica de São João Batista aquele que deve diminuir para que o outro cresça. A abnegação, nesse contexto, é renúncia ao protagonismo pessoal, ao desejo de brilhar em sala de aula, para criar um espaço real de crescimento para o estudante. O educador inaciano não precisa saber tudo, nem estar no centro das atenções o tempo todo. Ele precisa escutar, acolher, rever métodos, aceitar críticas, reconhecer limites. Trata-se de uma humildade ativa e disponível, que não busca reconhecimento, mas eficácia formativa.

E nesse processo de formação hodierno, surge uma questão inquietante: há riscos para a educação com o advento da IA? Sim, há riscos — muitos e profundos. Riscos éticos, sociais, espirituais e formativos. Mas há também possibilidades inéditas, desde que essa tecnologia seja integrada com discernimento, acompanhamento e critérios claros. Isso aponta para um horizonte promissor, mas que exige uma pedagogia atenta, crítica e espiritualmente enraizada.

Nesse sentido, o caminho da pedagogia inaciana não é o da recusa ao novo, mas o da incorporação discernida de tudo aquilo que pode ajudar o ser humano a crescer integralmente. A espiritualidade de Inácio de Loyola, marcada pelo magis — a busca contínua do maior bem, da maior profundidade, da maior generosidade —, convida os educadores a integrar, refletir, reorientar e decidir com liberdade a respeito de tudo aquilo que toca a missão educativa da Igreja e da Companhia de Jesus. Nada é aceito acriticamente. Nada é descartado precipitadamente. Tudo passa pelo crivo do discernimento, da finalidade formativa e da promoção do bem maior.

A pedagogia inaciana nasceu da experiência espiritual dos Exercícios, como já vimos, e tem por vocação formar pessoas conscientes, críticas, livres, compassivas, capazes de discernir e comprometidas com o bem comum. Essa missão, longe de estar superada, mostra-se hoje ainda mais urgente. No contexto da inteligência artificial, formar pessoas com critérios éticos, visão crítica e interioridade profunda torna-se essencial.

Sempre foi próprio de pessoas no cristianismo viver o tempo breve com intensidade e sabedoria. Estamos, portanto, diante de um progresso acelerado, imprevisível e irreversível. Modelos como o ChatGPT, o Gemini do Google e tantos outros deixaram de ser instrumentos periféricos. Eles já fazem parte do cotidiano de professores, estudantes e instituições. E o mais significativo é que essas inteligências não apenas produzem respostas: elas aprendem. Aprendem com cada interação. Aprendem com cada erro corrigido, com cada feedback, com cada nova pergunta. São cérebros em crescimento contínuo, que ajustam seus parâmetros, reforçam conexões e se tornam mais hábeis a cada uso.

Diante disso, a questão que se impõe não é se devemos usar a inteligência artificial — mas como usá-la, com que finalidade, em qual espírito. A pedagogia inaciana, com sua tradição de discernimento, centralidade da pessoa, formação integral e busca do bem maior, tem muito a oferecer nesse cenário. O futuro da educação, afirmou Ramírez,

passa por esse cruzamento: entre a sabedoria espiritual dos Exercícios e os novos instrumentos do mundo digital.

Nesse texto, Kolvenbach estabelecia um paralelo simbólico e operacional entre os Exercícios Espirituais e a dinâmica da sala de aula. Nos Exercícios, há uma relação entre Deus, o exercitante e o acompanhante espiritual — este último atuando como um mediador humilde, que não impõe respostas, mas ajuda o outro a encontrar por si mesmo o caminho da verdade e da vontade de Deus. Aplicado à educação, esse modelo sugere que o professor, mais do que um transmissor de conteúdos, deve ser um facilitador de experiências de descoberta. Um educador inaciano é, portanto, um acompanhante da busca do aluno — não o detentor da verdade, mas alguém que caminha junto, provocando, escutando, iluminando.

Essa analogia, no entanto, não pode ser idealizada. Nem nos Exercícios, nem na sala de aula, a busca se dá de forma linear, limpa ou sem conflitos. O caminho está sempre permeado de tensões, medos, vaidades, afetos desordenados, preconceitos e resistências — tanto no interior de quem aprende quanto nas estruturas culturais e institucionais que cercam o processo educativo.

Analogicamente, podemos pensar na IA como coparticipante — uma companheira de escola, um copiloto educativo, uma estagiária. Da mesma forma que os professores se deixam ensinar por seus alunos e crescem com eles na busca da verdade, também a inteligência artificial pode ocupar um lugar nessa rede formativa, não como fonte última de sentido, mas como instrumento valioso de colaboração. Trata-se de uma integração ativa, crítica e orientada: uma IA que colabora, desafia, pergunta e enriquece, sem jamais substituir a liberdade de pensamento, o julgamento ético e o coração humano.

Essa pedagogia exige, portanto, uma estrutura triangular: discente, docente e IA como três polos interligados em um mesmo processo de discernimento. Nenhum deles ocupa o centro absoluto. Todos se influenciam, todos aprendem. A inteligência artificial, nesse modelo, não é uma Wikipedia glorificada, nem um substituto de professores ou livros. É um agente auxiliar, uma presença relacional que precisa ser continuamente orientada pelos princípios da formação integral inaciana.

A inteligência artificial estará, cada vez mais, presente nas salas de aula, nos colégios e nas universidades — e a grande tarefa das instituições será formar essas inteligências, ensiná-las a aprender o que é verdadeiro, justo e bom. Formar a própria IA — esta é a nova fronteira pedagógica: preparar não apenas seres humanos para o

mundo, mas preparar o mundo que será mediado por inteligências artificiais formadas por nós.

A tensão entre inclusão social e formação de elites: lições Inacianas para o presente

A fundação do Colégio Romano, em 1551, consolidou um novo modelo de escola: uma instituição secundária, gratuita, voltada ao ensino da gramática, das humanidades e da doutrina cristã. Em uma Roma marcada por pobreza, guerras e instabilidade, o acesso gratuito à educação era uma inovação social significativa. No entanto, a gratuidade não era plena: alimentação, vestuário e livros continuavam sendo responsabilidade das famílias, o que restringia o acesso das camadas mais pobres. Na prática, os colégios inacianos serviram sobretudo às classes médias urbanas.

Enquanto isso, movimentos paralelos — como o de Castellino da Castello, com suas escolas populares em Milão — atuavam diretamente entre os pobres, oferecendo uma educação de base com forte apelo à caridade e à inclusão. A ausência de vínculos diretos entre Inácio e esses movimentos levanta questionamentos sobre as prioridades da Companhia de Jesus nos primeiros anos. Contudo, essa opção por uma formação de alto nível intelectual não indica insensibilidade social, mas revela uma estratégia de mediação cultural: formar líderes capazes de influenciar os rumos da sociedade.

Trata-se, portanto, de uma pedagogia da profundidade mais do que da extensão imediata. A missão de “ajudar as almas”, expressão central no vocabulário inaciano, traduz um compromisso com a formação integral, não apenas no sentido escolar, mas espiritual, afetivo e relacional. O episódio de La Storta, no qual Cristo se dirige a Inácio com as palavras “queremos que tu nos sirvas”, insere essa pedagogia no coração da missão trinitária: participar da encarnação do amor divino no mundo, servindo aos processos interiores das pessoas.

Esse horizonte permanece atual. A pedagogia inaciana é chamada hoje a formar pessoas com e para os outros — na expressão cunhada por Pedro Arrupe e desenvolvida por Kolvenbach e Arturo Sosa. Isso significa cultivar sujeitos conscientes, competentes, compassivos e comprometidos, capazes de viver com empatia, responsabilidade social e abertura espiritual. Fé, justiça e cidadania se articulam, assim, como pilares de uma educação transformadora, enraizada no mistério trinitário e atenta aos clamores do tempo presente.

Conclusão: uma pedagogia do discernimento na era digital

A pedagogia inaciana não nasceu de um sistema fechado, mas de um carisma vivo: ajudar as almas por meio de uma educação que integra espiritualidade, cultura e missão. Enraizada na experiência mística de Inácio de Loyola, especialmente nas graças de Manresa e La Storta, ela se fundamenta na dinâmica trinitária como fonte, modelo e horizonte. Educar, nesse contexto, é participar da missão do Deus Uno e Trino: reconciliar, servir, amar.

A história do Colégio Romano, a tensão entre formação de elites e inclusão social, e os fundamentos do *Ratio Studiorum* mostram que essa pedagogia sempre buscou responder criativamente aos sinais dos tempos. Hoje, no contexto da Inteligência Artificial Generativa, um novo discernimento se impõe. Modelos como o ChatGPT já modificam práticas de ensino e aprendizagem, exigindo critérios éticos, pedagógicos e espirituais para sua integração.

Mais do que rejeitar ou adotar a tecnologia de forma acrítica, a pedagogia inaciana convida à escuta atenta da realidade, ao diálogo profundo com os jovens e à formação de sujeitos livres, conscientes e compassivos. A IA pode ser uma aliada no processo formativo, desde que integrada de modo responsável e humanizador, sem perder de vista a centralidade da pessoa e a missão de formar homens e mulheres com e para os outros.

A educação inaciana, portanto, permanece fiel à sua origem quando forma pessoas capazes de discernir, de servir e de amar num mundo em constante transformação. Se a IA está reformulando as estruturas do saber, cabe à pedagogia inaciana oferecer os alicerces para que esse saber se torne verdadeiramente sapiencial — voltado ao bem comum, à justiça, à paz e ao cuidado da criação. Em tempos de algoritmos e automatismos, o discernimento continua a ser o caminho mais humano e mais divino para educar.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 1. ed. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2017.

ALIER, Marc; GARCÍA-PEÑALVO, Francisco José; CAMBA, Jorge D. *Generative artificial intelligence in education: from deceptive to disruptive*. 2023. Disponível em: <https://repositorio.grial.eu/server/api/core/bitstreams/a70efbb3-2fa0-433b-87e2-ee81943241b3/content> . Acesso em: 28/05/2025

ARRUPE, Pedro. *Homens para os outros*. Discurso proferido em Valência, 1973.

CENTRO DE INOVAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA. CIEB: Notas Técnicas #21 Inteligência artificial na educação básica: novas aplicações e tendências para o futuro. São Paulo: CIEB, 2024. E-book em PDF.

COMPANHIA DE JESUS. Secretariado para a Educação Secundária e Pré-Secundária. Colégios Jesuítas: uma tradição viva no século XXI – um exercício contínuo de discernimento. Roma: SJ Educatio

CONCÍLIO DE LATRÃO V. *Documenta Concilii Lateranensis*. Roma, 1514.

DOCUMENTOS DA COMPANHIA DE JESUS. *Sobre missão e pedagogia*. Roma: Secretaria para a Educação, 2007.

LOYOLA, Inácio de. *Constitutiones Societatis Iesu*. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1559.

LOYOLA, Inácio de. *Exercícios Espirituais*. Tradução e introdução: M. A. Fiorito. São Paulo: Loyola, 1989.

LOYOLA, Inácio de. *Autobiografia*. Tradução: João Batista Libanio. São Paulo: Loyola, 2000.

MODRAS, Ronald. *Ignatian Humanism: A Dynamic Spirituality for the 21st Century*. Chicago: Loyola Press, 2004.

OBERHOLZER, Paolo. *Impulsi pedagogici nel generalato di Ignazio di Loyola*. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 2025.

O'MALLEY, John W. *The First Jesuits*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Fragmento 553 (edição Brunschvicg).

PINTO, Rolphy S.J. *L'ispirazione trinitaria della pedagogia ignaziana*. Conferência disponível em: <https://www.youtube.com/> [24/05/2025].

SANTOS, Mayke Franklin da Cruz; SILVA, Cleber Cezar da. Inteligência artificial na formação docente: uma revisão da literatura. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 21, 2024. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/11364> . Acesso em: [10/06/2025].